

■ PREVISÃO

Agricultura está voltando mais forte

O presidente do Sindicato Rural, Nicolau de Souza Freitas, entende que a agropecuária será o único setor que sairá da crise do coronavírus com mais oportunidade do que entrou na pandemia. Para ele, o mundo vai continuar demandando alimentos.



Em Araraquara, o Sindicato Rural tem buscado quase que diariamente analisar o desempenho da atividade agropecuária. Para tanto, acompanha também o que economistas e consultores mostram publicamente, sempre acreditando que o agronegócio brasileiro poderá sair da crise

Presidente do Sindicato Rural de Araraquara, Nicolau de Souza Freitas, acredita no bom desempenho do setor agrícola depois da pandemia



gerada pela pandemia de coronavírus com algumas vantagens em relação aos seus concorrentes mundo afora. Este também tem sido o pensamento do presidente Nicolau de Souza Freitas ao analisar a atividade em nosso município.

Ele tem dito até com conhecimento e insistência que entre os motivos para esta saída fortalecida no mercado, está a competitividade da agricultura brasileira, o câmbio favorável, a confiança do mercado no Brasil como fornecedor e o investimento em agricultura digital nas fazendas.

De fato, os analistas do setor revelam que o produtor precisa acompanhar esta tendência, porém, há um consenso de que é preciso exercitar o gerenciamento de risco, ou seja, planejar bem as safras 2020/2021 e 2021/2022, para evitar impactos negativos nas colheitas.

Na última edição do Informativo do Sindicato Rural, Nicolau de Souza Freitas teceu alguns comentários importantes sobre a influência da pandemia nos negócios que envolvem principalmente os médios e os pequenos produtores e passados quase 30 dias, ele reitera que a pandemia deu uma desacelerada nos negócios, mas as exportações estão aumentando e tendem a aumentar mais. Ele justifica que essa é uma tendência natural pois os países compradores terão a necessidade de repor seus estoques nos próximos meses.

O importante para Araraquara, é que a crise não se acentou tão forte no trabalho do homem do campo e que através da sua luta é que a economia vai se fortalecer ainda mais.



Nicolau de Souza Campos, presidente do Sindicato Rural de Araraquara

Por suas raízes e tradições, o campo não para nunca

O Presidente Nicolau de Souza Freitas, do Sindicato Rural de Araraquara, mostra a grandeza do trabalho realizado pelo produtor rural e sua confiança na força que vem do campo, onde os obstáculos estão sendo transpostos.

Quais são os desafios que o produtor rural está encontrando neste período em que o coronavírus tem se propagado com maior intensidade no interior paulista? Embora complexa,

pois cada região tem sua característica, a pergunta foi respondida de forma ponderada pelo presidente do Sindicato Rural de Araraquara, Nicolau de Souza Freitas.

“Apesar de não correremos o risco do desabastecimento de alimentos no País neste momento, os pequenos produtores rurais têm pela frente a dificuldade de chegar até o cliente que, por precaução, mudou os hábitos de consumo e basicamente tem se alimentado dentro de casa”. Com isso, diz o dirigente, os produtores perderam parte dos seus canais de venda que são as feiras, os bares e restaurantes que permanecem fechados.

REINVENTANDO

Para ele, trata-se de uma situação inédita o que se vive agora: “Isso nunca passou pela minha cabeça; ainda que a situação no campo não seja das piores, devo confessar que em determinados momentos das nossas vidas chegou a ser muito ruim, talvez até pior. Porém, temos que entender que as saídas encontradas para os grandes problemas sempre foram através da agricultura e novamente parece que estamos vendo a reprise de um filme. Isso significa que os donos de pequenos negócios rurais devem buscar novos canais de co-

mercionalização e repensar formas de relacionamento e atendimento ao cliente”, comentou.

Em dado momento, o presidente destaca que é triste ver as pessoas sofrendo com o confinamento ainda que muitos entendam da sua necessidade, mas na sua opinião, existe um certo exagero que impede maior fle-

mo interno, temos um problema que envolve o distribuidor, o produtor e o consumidor: esta discussão está conturbada e com isso estamos vendo muita sobra de produto no campo, não por falta de consumo, mas pela necessidade de se ter uma política de diálogo e entrosamento na distribuição”.

A economia rural é uma vitrine para o mundo; o Brasil além das crises, com a falta de apoio aos nossos produtores rurais, tem conseguido produzir não só para alimentar o brasileiro, mas uma grande parte do mundo, cerca de 1,5 bilhão de pessoas.



O incansável trabalho no campo

xibilização de outros setores que são tão importantes ou mais importantes que alguns que já foram liberados. Isso aflige o produtor e enfraquece o nosso negócio, principalmente alguns produtos voltados para o consumo direto, disse.

POLÍTICA DE DIÁLOGO

Outra questão levantada pelo presidente do sindicato faz referência às exportações, que segundo ele, estão bem encaminhadas com bons resultados: “Os nossos produtos caminham muito bem; o mundo precisa de alimento e o Brasil está aí para servi-lo. Com relação ao consu-

Diante de um momento de crise, argumentou, é hora de buscar soluções para o negócio e enxergar novas possibilidades, que incluem a realização de parcerias, não de distanciamento. Ao mesmo tempo, Nicolau de Souza Freitas sugere que é interessante encarar a situação como uma oportunidade de se aproximar do cliente, ouvindo suas demandas e, assim, fidelizá-lo para que se lembre do seu negócio depois que a crise passar. Por exemplo, como muitos profissionais estão trabalhando em casa em regime de home office, pode ser uma oportunidade para agregar valor ao produto entregando-o em porções menores, já acondicionadas

em kits específicos, como um kit de frutas, kit de folhosas e raízes, etc. Para ele, a importância está na fidelização do cliente.

No decorrer da conversa do presidente com a nossa reportagem, houve uma frase até curiosa, quando perguntamos sobre a mudança de hábitos do produtor rural neste período de coronavírus: “O campo se modernizou antes que a cidade. A tecnologia desembarcou primeiro no campo, embora muitos entendam que sofisticados computadores é que proporcionam este cenário de transformação na cidade”.

CONTINUA NAS PÁGINAS SEGUINTE



A colheita a espera de lugar para entregar; ainda assim o produtor enfrenta a pandemia e acredita em dias melhores

“Nóis trupica mas não cai”

Popularizada em música a frase “nóis trupica mais não cai”, é a marca dada aos desafios enfrentados pelo homem do campo e que viraliza em tempos de coronavírus.

Ao ser indagado sobre uma explicação mais lógica, ele ponderadamente clareou a dúvida: “As pessoas às vezes não conseguem entender a tecnologia que existe por trás de uma semente, pois sendo ela plantada, vai se transformar em vários grãos e plantas. Isso é a multiplicação da riqueza. Significa que por trás desta semente existe uma tecnologia muito grande, desenvolvida pela Embrapa e grandes indústrias mundiais. Todos saem em busca de saber o que a cidade precisa e o que o campo pode oferecer. E desta forma, cidade e campo precisam ter ciência sobre suas necessidades. A semente criada é prova disso”, explicou.

Deixando claro que o campo precisa então produzir o que a cidade necessita, Nicolau assegura que “o entrosamento, a interação entre as duas partes é indispensável, pois não somos adversários, somos parceiros

e isso é que faz a vida prosperar”, complementa.

Quanto a chegada do coronavírus ao Brasil, na opinião dele “o povo da roça faz uma interpretação diferente, pois no campo não há aglomeração; a concentração de pessoas se dá na zona urbana. Na zona rural são propriedades dispersas umas das outras e as pessoas se encontram esporadicamente, situação bem diferente dos que vivem na cidade”. Lembrando que isso inibe a propagação do coronavírus, o presidente do Sindicato Rural salienta que situações como essa que estamos vivendo afligem o produtor rural que parece ser mais sensível às causas e à realidade.

Sobre a economia rural, o presidente do sindicato não poupou elogios: “Ela é uma vitrine para o mundo; o Brasil além das crises, com a falta de apoio aos nossos produtores rurais, tem conseguido produzir não só

para alimentar o brasileiro, mas uma grande parte do mundo, cerca de 1,5 bilhão de pessoas. Além disso, convivemos com alguns problemas principalmente a seca que é a tônica de um país tropical; também as pragas e as doenças estão presentes em nossas culturas agrícolas porque temos um clima propício para isso”.

Neste caso o presidente sugere a criação de um seguro amplo para tranquilizar o agricultor, protegendo não apenas o produto em si, mas também sua renda através de um fundo custeado pelas grandes empresas do agronegócio que dariam suporte ao programa. Para ele, a cobertura seria garantida antes da porteira por produtores de insumos, fabricantes de adubos, defensivos, sementes, máquinas; depois da porteira pelas indústrias, exportadores, que participariam juntamente com o governo e o próprio produtor, este com pequena parcela na complementação do fundo por se tratar de um seguro caro, impossível do pequeno agricultor bancar. “É fato que, ainda que as condições climáticas não sejam tão favoráveis, o produtor rural brasileiro aprendeu a conviver com isso, não

só pela experiência própria, mas também com a tecnologia criada pelo Centro de Desenvolvimento da Embrapa que sempre foi uma parceira dos agricultores”, argumenta.

EM BUSCA DE MERCADO

Na entrevista dada ao RCIA ARARAQUARA, o dirigente do Sindicato Rural também fez alusão aos incentivos que o Governo Federal vem disponibilizando para a agricultura. Ele admite que “o produtor rural precisa de recursos, só que a parte que realmente necessita de financiamento público para produzir, é pequena”. Nicolau destaca que grande parte da agricultura é produzida com recursos próprios e por empresas particulares que enxergam na produção agrícola o único caminho viável para investimentos. “Sendo uma atividade em expansão, é evidente que vai proporcionar mais garantia para o investidor e com este impulso atingirá novos mercados em várias partes do mundo, algumas delas, regiões até então inimagináveis”, comenta.

Só que em meio a este crescimento econômico gerado pela agricultura

há um porém, que aflige o produtor rural: é a insegurança política. Isso ocorre não só a curto, mas principalmente a longo prazo. O Brasil exporta para várias partes do mundo e quando a política diverge muito e não consegue manter bom relacionamento com outros países, isso nos incomoda pois atinge a agricultura. Se fala muito da China, do Oriente Médio que são países que consomem muito alimento e o Brasil está tendo uma tradição muito grande de exportar para estes países, prejudicado pela falta de uma política externa firme: “Isso nos preocupa pois temos que olhar não o hoje, mas sim o amanhã”, comenta Nicolau de Souza Freitas.

O comércio e o setor de serviços em minha opinião, argumenta o presidente, “foram as áreas mais afetadas e de formas diferentes. Temos setores do comércio que vão bem, mas olhando do lado de fora, vemos que os pequenos comerciantes passam momentos difíceis. Como consequência, esse pequeno comércio atinge a agricultura, pois este pequeno comércio formado por restaurantes recebia parte dos produtos do campo. Este é o problema que se nota na agricul-

tura. Veja só o caso do etanol que sofreu redução no seu consumo por conta da quarentena; a energia renovável também está sendo prejudicada pelo baixo consumo dos combustíveis, sem contar a queda no preço dos barris de petróleo que nos afeta muito. Na somatória todos perdem neste momento, uns mais, outros menos”, conclui.

ONDE ENTREGAR



Heber Candido Pereira, engenheiro Elétrico e de Segurança do Trabalho, também diretor do Grupo Domínio Soluções Empresariais e proprietário do Celeiro Restaurante, Grill e Choperia, que utiliza os produtos vindos diretos do campo para os cardápios da casa, observa os desafios que o produtor rural vem enfrentando para a comercialização dos produtos por conta da pandemia



Produtores da região de Araraquara que antes chegavam nas lanchonetes e restaurantes com a caçamba cheia para a entrega de produtos hortifrutigranjeiros, agora sentem a dificuldade na entrega, pois grande parte funciona apenas no sistema delivery

AÇÃO DO SENAR E SINDICATO RURAL

Formação de profissionais para confecção e doação de máscaras a entidades

O curso realizado em Araraquara em abril foi organizado pelo Senar SP e Sindicato Rural de Araraquara contando com o apoio da Canasol e do Sebrae. As máscaras fabricadas foram doadas ao Lar São Francisco e Prefeitura Municipal de Santa Lúcia



Tatiana Caiano Teixeira Campos Leite (Canasol), Nicolau de Souza Freitas (Sindicato Rural de Araraquara), Luiz Antonio Noli (Prefeito de Santa Lúcia) e João Henrique de Souza Freitas (Coordenador Regional do Senar), durante a cerimônia de doação

No dia 27 de abril, o Sindicato Rural de Araraquara e o Senar-SP, com o apoio da Canasol e Sebrae, realizaram o curso sobre Confecção de Máscaras de Proteção. A iniciativa foi permitir o acesso de pessoas ligadas ao meio rural à capacitação neste momento de apreensão pela propagação do coronavírus.

A ação também teve ainda outro objetivo: ensinar as participantes a confeccionar as máscaras para que depois, em casa, passem a produzir e terem uma renda extra. As máscaras feitas foram doadas aos associados do Sindicato Rural e Canasol, bem como a instituições de caridade.



Vilma Aparecida Citta, atuando como voluntária durante o trabalho de capacitação realizado na Canasol

DIPLOMADAS PELA SOLIDARIEDADE



Vilma Aparecida Citta



Florissa Bonani



Luciene Citta



Elza Francisco



Eva de Almeida



Rosimeire Moisés



Iraci Alves



Rosimeire Socarato



Letícia Adalberto



Sandra Mauri



Sandra Souza Pinto



Fernanda Stochi



Iracema de Freitas



Mariana Freitas



A instrutora Sônia Soler

Segundo o coordenador regional do Senar SP, João Henrique de Souza Freitas, “assim as pessoas poderão estar mais protegidas contra o Covid 19”.

O curso de capacitação foi totalmente gratuito e faz parte da grade de ensino profissional, seguindo normas estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para confecção de máscaras com costura.

ORIENTAÇÕES

João Henrique, do Senar que acompanhou a realização do programa, disse que “essa capacitação é mais uma iniciativa que proporciona a continuidade das ações estabelecidas pelo Senar no meio rural”.

Além de ensinar a fazer as máscaras de proteção, o curso do Senar também ofereceu orientações sobre os cuidados necessários para evitar a contaminação com o coronavírus e a sua propagação, levando em conta as atividades rurais que exigem deslocamento continuado e também contato com pessoas e equipamentos.

As principais orientações são dis-



Prefeito Luizinho Noli agradecendo ao Senar, Sindicato Rural, Sebrae e Canasol pela doação das mil máscaras

tância mínima de um metro e meio de outras pessoas, lavar as mãos com água e sabão e cobrir o rosto com o cotovelo ao espirrar ou tossir. O treinamento também ensinou meios de manter a durabilidade da máscara de proteção seguindo as recomendações da OMS.

O presidente Nicolau de Souza Freitas, em nome da diretoria, disse que “os ensinamentos são de extrema necessidade e também ressaltou que é dever colaborar com Santa Lúcia, pois o município sempre colaborou com as iniciativas do Sindicato Rural”.

Discurso semelhante fez a vice-presidente da Canasol, Tatiana Caiano Teixeira Campos Leite, que enalteceu o trabalho do prefeito Luiz Noli e destacou que a solidariedade vai ajudar aqueles que não têm a máscara para o uso diário. Tatiana destacou ainda a parceria do sindicato com a Canasol, entendendo que a união fortalece as ações sociais.

AGRADECIMENTO

No encerramento da cerimônia de entrega de mil máscaras a Santa Lúcia, o prefeito Luiz Antonio Noli comentou que o município só tem que agradecer neste momento em que a pandemia avança e onde ele vê a solidariedade trabalhando e falando mais alto. “A doação de máscaras de proteção é muito importante pois Santa Lúcia que é uma pequena cidade, carente, e com isso vamos ajudar as pessoas. Nós vemos nelas muitas dificuldades, e, se elas não usam é porque realmente não têm”, comentou.

Segundo Luizinho Noli, a sua cidade vive período muito complicado, ainda que dos quatro casos de pessoas atingidas pelo coronavírus, todas estão recuperadas. São pessoas que trabalham na área da Saúde e fora de Santa Lúcia, mas estão bem. No município não aconteceu nenhum registro de óbito pela Covid-19.



Romualdo Polez, da diretoria do Lar São Francisco, agradecendo ao Sindicato Rural e Senar SP pela doação de 1.500 máscaras que foram confeccionadas pelas participantes do curso de capacitação em abril

ACÇÃO DO SENAR E SINDICATO RURAL

CURSOS - MAIO 2020



Marcelo Xavier Benedette (tesoureiro do Sindicato Rural), João Henrique de Souza Freitas (coordenador regional do Senar), prefeito Edinho Bolito (Rincão), Nicolau de Souza Freitas (presidente do Sindicato Rural) e Tatiana Campos Leite (vice-presidente da Canasol) durante entrega das máscaras

No dia 27, quem recebeu mil máscaras confeccionadas por associadas das entidades rurais foi o prefeito de Rincão, Edson Brito Bolito (PT), das mãos de Nicolau de Souza Freitas (Presidente do Sindicato Rural de Araraquara), Marcelo Xavier Benedette (Tesoureiro do Sindicato Rural), João Henrique de Souza Freitas (Coordenador Regional do Senar) e também da vice-presidente da Canasol, Tatiana Caiano Teixeira Campos Leite.

Segundo Bolito, a cidade ainda tem o controle da doença, onde tiveram alguns casos confirmados e curados e uma morte, mas estão trabalhando para conter a propagação da doença. “Nós sabíamos de todas as dificuldades que enfrentaríamos na organização da Prefeitura, nas

questões financeiras, mas jamais que enfrentaríamos uma pandemia, como a última foi 1917, da gripe espanhola que teve um efeito devastador.

De acordo com o prefeito, as ações desenvolvidas pela prefeitura foram desde o começo, “a organização, o planejamento, compra de EPI’s, barreira nas entradas dos municípios e distritos até ela se transformar em comunitária e hoje como o vírus é presente, já não se faz necessário, mas monitorando a doença”.

Bolito ressalta que “as máscaras doadas pelo Senar e Sindicato Rural, vêm em boa hora, para fazer parte das doações que a prefeitura faz à comunidade juntamente com cestas básicas, kits e marmitex distribuídos em parceria com o Sesi a quem precisa”.

Vale ressaltar que as costureiras associadas do Sindicato Rural e Canasol com apoio do Senar e Sebrae se esmeram para que as entidades rurais doem cerca de 12 mil máscaras. Mil e quinhentas já foram entregues para o Lar São Francisco, mil para a prefeitura de Santa Lúcia e agora mais mil para a prefeitura de Rincão.

Prefeito Edinho Bolito, de Rincão, agradecido pela doação das máscaras ao município de Rincão

• AGROTÓXICOS - USO CORRETO E SEGURO - NR 31.8

04 a 06/05 - Local: Américo

• INCÊNDIO - PREVENÇÃO E COMBATE NO CAMPO - TÉCNICAS

07 e 08/05 - Local: Américo

• TOMATE ORGÂNICO - PLANTIO (MÓDULO II)

11 e 25/05 - Local: Araraquara

• JOVEM AGRICULTOR DO FUTURO - MÓDULO I

12 a 18/03, 19 a 29/05 - Local: Araraquara

• PROLEITE - IRRIGAÇÃO DE PASTAGEM (MÓDULO IV)

12, 18, 19 e 26/05 - Local: Araraquara

• AGROTÓXICOS - USO CORRETO E SEGURO - NR 31.8

14 a 16/05 - Local: Américo

• APRENDIZAGEM NA CULTURA DE CANA-DE-AÇÚCAR - USINA SANTA FÉ - MANHÃ - 2019_2020 - MÓDULO IX

15 e 29/05 - Local: Nova Europa

• APRENDIZAGEM NA CULTURA DE CANA-DE-AÇÚCAR - USINA SANTA FÉ - TARDE - 2019_2020 - MÓDULO IX

15 e 29/05 - Local: Nova Europa

• AGRICULTURA ORGÂNICA - CERTIFICAÇÃO

18/05 - Local: Araraquara

• SEGURANÇA EM MÁQUINAS E IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS - NR 31.12

26 a 28/05 - Local: Araraquara

• TURISMO RURAL - IDENTIDADE E CULTURA (MÓDULO II)

27 e 29/05 - Local: Araraquara

Coordenador SENAR/SP Araraquara:
João Henrique de Souza Freitas





■ ESTIAGEM E QUEIMADAS

Usinas preparam brigadas para enfrentar queimadas

Em plena pandemia, Senar e Sindicato Rural capacitam brigadistas para os desafios da estiagem, seguindo as normas que impedem propagação do coronavírus, como uso de máscaras e distanciamento entre os alunos.

Entre a última semana de abril e a primeira semana de maio pelo menos dois cursos de capacitação voltados para Incêndio - Prevenção e Combate e Combate no Campo foram realizados na Fazenda Trindade (Citrosuco) e na Fazenda São Martinho, antiga Santa Cruz.

Nos dias 27 e 28 de abril, o instrutor Bruno ministrou aulas práticas e teóricas para trabalhadores da Fazenda Trindade, em Matão. Na abertura do curso ele destacou a importância

da capacitação de profissionais para o combate a incêndios a propriedades rurais e matas, utilizando equipamentos adequados, além da prática de procedimentos a serem adotados em casos de acidentes, tais como: quedas, queimaduras, intoxicações por fumaça e ataques de animais peçonhentos.

Acompanhando o curso que foi realizado obedecendo as regras do Senar neste período de pandemia, como distanciamento e uso de máscaras, o coordenador regional do Senar, engenheiro agrônomo João Henrique de Souza Freitas, argumentou que o programa desenvolvido mostra a necessidade dos cuidados para evi-



O instrutor Henry Lopes na Usina São Martinho

tar acidentes e ainda informa sobre os aspectos de preservação do meio ambiente e das consequências diretas e indiretas nos aspectos físicos, sociais e econômicos do homem do campo.

OS RISCOS

Tempo seco entre os meses de junho e setembro podem intensificar a propagação de focos de incêndio na vegetação e afetar estruturas de abastecimento elétrico, causando a interrupção dos serviços. É justamente por essa razão que as usinas e produtores rurais solicitam ao Senar e ao Sindicato Rural a realização de cursos com este perfil visando minimizar os incêndios no campo, diz João Henrique.

Segundo ele, esta é a época de estiagem que concentra o maior índice de queimadas do ano: “O número elevado dos focos de incêndio une o tempo seco às ações humanas, revelando o potencial de aumento durante o inverno, uma estação seca e de temperaturas mais baixas”, comenta o coordenador.

Por isso, a falta de chuvas, a bai-



Alunos participam de aula teórica na São Martinho

xa umidade relativa do ar, a elevação das temperaturas durante o dia e a forte incidência de ventos criam condições ideais para a formação e a propagação de incêndios em vegetação.

“O cenário, além de afetar o meio ambiente, pode causar prejuízos às redes elétricas, gerando problemas para as comunidades que dependem do abastecimento de energia nas regiões acometidas pelas queimadas”, justifica João Henrique.

Anualmente, profissionais ligados

às concessionárias de energia elétrica visitam o Sindicato Rural de Araraquara, orientando e disponibilizando material explicativo para distribuição aos produtores rurais.

AÇÕES FUNDAMENTAIS

Na Usina São Martinho, antiga Santa Cruz em Américo Brasiliense, o mesmo curso foi realizado em maio, dias 7 e 8, dado pelo instrutor Henry Lopes.

“A prevenção e combate a incêndio no campo são fundamentais, visto que tem ocorrido grande incidência de incêndios em matas e propriedades rurais, ocasionando enormes danos à vida, ao meio ambiente e ao patrimônio”, argumenta o instrutor.

Ainda segundo Henry, as principais causas associadas são a queima preparatória para pastos e plantio, a queima de lixo, o descarte de tocos acesos de cigarros em beiras de estradas, além das descargas atmosféricas. Até mesmo garrafas descartadas incorretamente podem funcionar como uma lupa e dar início a incêndios a partir da incidência de raios solares.

A maior parte dos incêndios tem origem nas práticas humanas imprudentes ou de ações criminosas, como aconteceu recentemente no Lixão da Prefeitura Municipal de Araraquara.

As usinas atualmente são vítimas de ações criminosas



A NR 35 e OS SEUS cuidados

Curso dado pelo Sindicato Rural e o Senar é obrigatório para trabalhadores rurais que atuam em altura e oferece mais oportunidade de mercado para os trabalhadores do campo.

Realizado durante três dias na Fazenda Trindade que pertence à Citrosuco em Matão, o curso sobre a NR 35, que estabelece normas regulamentares para quem trabalha em altura, essencialmente com escadas, nos últimos anos tornou-se uma obrigatoriedade, diante dos riscos que tem o trabalhador no desempenho da sua função.

A Citrosuco é uma das primeiras empresas da região a requisitar o programa, sentindo a importância da sua aplicabilidade na segurança e o bom desempenho da atividade, comenta o coordenador João Henrique de Souza Freitas.



A NR 35 tem sua aplicabilidade visando minimizar os acidentes no campo



O instrutor Bruno mostra a importância de cada equipamento

O programa de capacitação contudo não está restrito apenas ao trabalho no campo, sendo também de extrema importância na construção civil, considerando-se então a norma que regula a questão da atividade profissional em altura (NR 35), que é toda atividade executada acima de dois metros, onde haja risco de queda.

TRABALHO NO CAMPO

O inspetor Bruno, responsável pelo ensinamento, lembrou na abertura do curso na Fazenda Trindade



Simulação do acidente durante aula prática

que “considera-se trabalhador capacitado para trabalho em altura aquele que foi submetido e aprovado em treinamento, teórico e prático”.

Na zona rural, é comum o trabalho em altura durante o serviço. O profissional que lida nesta situação precisa saber quais são os requisitos mínimos de segurança e as medidas de proteção para este tipo de atividade.

É por isso que o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar-SP) oferece gratuitamente curso obrigatório para todos os profissionais que se encaixam neste perfil. A Norma Regulamentadora 35 (NR-35), do Ministério do Trabalho, exige o mínimo de oito horas de aula, com uma atualização a cada dois anos. No Senar-SP, este curso tem duração de 24 horas.

Uma das atividades que oferecem risco de altura na zona rural é fazer a manutenção dos elevadores de carga que ficam nos armazéns. Para isso, é preciso utilizar todos os equipamentos, o que inclui um cinto do tipo paraquedista, cordas e uma peça chamada talabarte (formato em Y).

O instrutor assegura que a norma exige que a pessoa esteja com os equipamentos mínimos para poder executar a atividade, com a utilização de uma corda específica e mais os

outros equipamentos citados, para que o profissional tenha um plano A e um plano B. “Uma das causas de acidente que nós temos é relativa à utilização da corda não específica para realização do trabalho em altura e hoje nós temos ao nosso dispor cordas específicas e sem falar na utilização dos nós específicos para realização do trabalho em altura – explica Bruno.

Na verdade há trabalhador que logo no início já começa a entender a importância de seguir as regras de segurança. “Eu sempre dei nó cego, mas agora sei que pode diminuir o peso da corda e ela pode se quebrar. A gente tem que se proteger primeiro”, comenta um dos participantes do curso que passou a ter uma outra visão sobre a atividade e os riscos que ela oferece.

De fato, a maioria dos trabalhadores não têm conhecimento sobre a ques-

Os primeiros socorros são mostrados pelo instrutor dando noções como o trabalhador deve se portar ao prestar o atendimento inicial

tão básica da segurança e sente que poucos são os que gostam de colocar o cinto por achar muito chato. “Antigamente era assim, cansei de subir em escada sem cinto, hoje nós não fazemos mais isso, temos noção do perigo. A nossa vida está em risco – afirma um outro aluno.

Quem é empregador reconhece que o profissional com qualificação tem vaga garantida no mercado de trabalho. “Não podemos levar um trabalhador para nossa propriedade se ele não passou pela qualificação. Se ele está qualificado, ele é imediatamente contratado. Aquele que não passa pela qualificação, acaba com mais dificuldade em arrumar emprego – comenta o coordenador do Senar, João Henrique de Souza Freitas.

Entre as exigências da NR 35, encontramos a análise de risco e condições impeditivas, medidas de prevenção e controle, além dos sistemas, equipamentos e procedimentos de proteção coletiva e equipamentos de Proteção Individual para o trabalho em altura, acidentes típicos em trabalhos em altura e as condutas em situações de emergência, incluindo noções de técnicas de resgate e de primeiros socorros.

